

## **SANTA BEATRIZ DA SILVA**

50 anos da canonização, 100 anos da beatificação

*Uma vida inteiramente entregue a Deus pelas mãos da Imaculada*

Caríssimos irmãos sacerdotes e diáconos, estimados seminaristas, consagrados e consagradas, queridas Monjas Concepcionistas Franciscanas da Imaculada Conceição, Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, agentes pastorais, jovens e fiéis leigos desta nossa Arquidiocese de Évora: a todos vos saúdo fraternalmente, com muita estima, amizade e comunhão em Jesus Cristo.

1. Neste dia 3 de outubro de 2026, a nossa Igreja une-se em ação de graças por uma data de particular significado. Há cinquenta anos, precisamente a 3 de outubro de 1976, São Paulo VI canonizava solenemente Santa Beatriz da Silva na Basílica de São Pedro. A esta memória junta-se, neste mesmo ano, o centenário da sua beatificação, realizada em 1926, no pontificado de Pio XI.

A coincidência destes dois aniversários dá ao ano que estamos a viver um carácter muito especial. O Ano Jubilar de Santa Beatriz da Silva, que decorre de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2026, foi concedido pela Penitenciaria Apostólica precisamente por ocasião dos cinquenta anos da canonização e dos cem anos da beatificação. A Igreja oferece-nos, deste modo, um tempo de graça que não se limita à evocação de uma figura do passado, mas nos convida a conhecer melhor a sua vida, a acolher a sua espiritualidade e a renovar a nossa própria resposta ao Evangelho.

Este Jubileu tem para a Arquidiocese de Évora uma proximidade que não podemos deixar de sublinhar. Santa Beatriz é filha de Campo Maior. A investigação histórica desenvolvida em torno da sua origem levou a comunidade concepcionista desta vila a apresentar à Santa Sé um pedido de confirmação do local do seu nascimento, ao qual, segundo a documentação conservada pela comunidade, foi dada resposta positiva em 2010. É também assim que a nossa Arquidiocese a apresenta hoje: Santa Beatriz da Silva, natural de Campo Maior.

Esta referência não constitui para nós um simples dado biográfico. Campo Maior guarda a memória de Santa Beatriz como parte da sua identidade cristã. O Mosteiro da Imaculada Conceição, a presença das Monjas Concepcionistas e uma devoção profundamente enraizada no povo fizeram desta vila, ao longo dos anos, um lugar particularmente ligado à vida e ao carisma da Santa.

Por isso, Santa Beatriz não é para a Igreja de Évora uma figura distante. É uma filha desta terra e uma presença espiritual que toca diretamente a nossa história, a vida consagrada e a missão pastoral da Arquidiocese. O próprio Ano Jubilar teve a sua abertura solene no Mosteiro de Campo Maior, lugar onde a sua memória continua a ser rezada e transmitida.

2. A vida de Beatriz da Silva desenrola-se no século XV. Filha de uma família portuguesa de sólida formação cristã, cresceu num ambiente onde recebeu os fundamentos da fé que haveriam de marcar toda a sua existência. Ainda jovem, partiu para Castela e entrou no ambiente da corte. Ali conheceu de perto aquilo que o mundo podia oferecer em prestígio, influência e reconhecimento, mas conheceu igualmente a fragilidade e as tensões próprias daquele meio.

A tradição ligada à sua vida conserva a memória de uma provação extrema vivida na corte. Movida pelo ciúme, a rainha mandou encerrá-la num cofre, sem ar, sem alimento e sem possibilidade de se mover, certa de que ali encontraria a morte. Beatriz permaneceu fechada durante três dias.

Não estamos apenas perante um episódio de sofrimento físico e psicológico. Para a tradição concepcionista, aquele cofre tornou-se o lugar de uma verdadeira passagem interior. Na escuridão, quando humanamente tudo parecia terminado, Beatriz encontrou-se diante do essencial. Foi precisamente aí que a sua confiança em Deus e a sua entrega à Virgem Maria adquiriram uma profundidade nova.

A tradição narra que, nesse momento de extrema aflição, lhe apareceu a Virgem Imaculada com o Menino nos braços, revestida de branco e azul, anunciando-lhe a missão que haveria de orientar o resto da sua vida: fundar uma família religiosa dedicada à honra da Imaculada Conceição. Quando finalmente foi retirada do cofre, Beatriz saiu viva, mas já não era interiormente a mesma. A experiência da quase morte tornou-se, para ela, o início de uma vida nova.

Há aqui uma leitura espiritual de grande força. Aquilo que parecia ser o lugar do fim converteu-se no lugar de uma vocação. A escuridão tornou-se passagem. O medo tornou-se confiança. A ameaça de morte abriu caminho a uma missão que haveria de fecundar a Igreja durante séculos.

Na abertura deste Ano Jubilar tive ocasião de recordar precisamente esta dimensão: os três dias no cofre evocam, de algum modo, a lógica pascal. É no momento em que Beatriz desce ao ponto mais fundo da sua fragilidade que começa a descobrir, com uma luz nova, o sentido da própria vida. Também na experiência cristã há momentos em que Deus nos encontra precisamente quando as nossas seguranças caem e somos obrigados a voltar ao essencial.

Deixou a corte e retirou-se para Toledo. Seguiu-se um longo período de recolhimento, oração e discernimento, vivido junto das religiosas dominicanas. Foram anos discretos, sem o protagonismo que tantas vezes associamos às grandes obras. Foi precisamente nesse silêncio que a sua vocação amadureceu.

Esta dimensão da vida de Santa Beatriz merece hoje particular atenção. O nosso tempo habituou-nos à rapidez, à exposição e à procura de resultados imediatos. Também a

vida eclesial pode ser tentada a medir a sua fecundidade apenas pelo que se consegue organizar ou tornar visível. Santa Beatriz recorda-nos que Deus trabalha frequentemente em tempos diferentes dos nossos e que algumas das decisões mais fecundas de uma vida cristã precisam de silêncio, de espera e de oração.

Deste caminho interior nasceu a comunidade que estaria na origem da Ordem da Imaculada Conceição. Em 30 de abril de 1489, o Papa Inocêncio VIII, através da bula *Inter Universa*, aprovou a nova fundação e reconheceu o propósito de Beatriz e das suas companheiras de viverem consagradas a Deus em honra do mistério da Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria.

3. É aqui que encontramos o coração da sua espiritualidade: Santa Beatriz viveu séculos antes da definição dogmática da Imaculada Conceição e, contudo, colocou Maria Imaculada no centro da sua experiência de fé. Nela contemplou uma criatura inteiramente aberta à ação de Deus, disponível para acolher a Sua vontade e para se deixar transformar pela graça.

A espiritualidade de Beatriz é profundamente mariana, mas precisamente por isso conduz a Cristo. Maria não ocupa o lugar do Senhor; ensina-nos a recebê-Lo. A sua disponibilidade, a sua humildade e o seu silêncio tornam-se escola para quem deseje aprender a escutar Deus e a responder-Lhe com liberdade.

Este património espiritual continua vivo nas Monjas Concepcionistas Franciscanas da Imaculada Conceição. A vida contemplativa, a oração litúrgica, a clausura, a fraternidade e a oferta silenciosa dos dias constituem uma verdadeira missão no coração da Igreja.

Às nossas queridas Monjas de Campo Maior quero dirigir, neste dia, uma palavra de particular afeto e gratidão. A vossa presença é um dom para esta Arquidiocese. Agradeço a fidelidade com que guardais o carisma de Santa Beatriz, a oração que diariamente ofereceis pela Igreja e pelo mundo e o modo discreto, mas profundamente fecundo, como mantendes viva a sua memória na terra que a viu nascer.

Na abertura deste Jubileu tive ocasião de recordar que a Igreja precisa profundamente de contemplação. Continuo convencido disso. Uma Igreja sem espaço para o silêncio e para a oração corre o risco de se esgotar nas suas próprias atividades. A vida contemplativa recorda-nos que a missão nasce, antes de tudo, do encontro com Deus.

4. A fecundidade deste carisma ganhou ainda, na nossa própria Arquidiocese, uma expressão diferente e muito concreta. Em Elvas, no século XX, Maria Isabel da Santíssima Trindade deu origem às Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres. Inspirada pela espiritualidade concepcionista, iniciou uma obra em que a entrega a Deus se tornou serviço aos mais frágeis. A Congregação viria a ser aprovada pela Igreja

em 1955 e hoje mantém viva esta vocação de proximidade aos pobres em diversos lugares do mundo.

Também esta realidade diz muito à Igreja de Évora. Em Campo Maior encontramos uma comunidade contemplativa que sustenta a missão pela oração; em Elvas nasceu uma família religiosa chamada a servir os pobres. São formas diferentes de viver, mas bebem de uma mesma fonte: deixar-se habitar por Deus para que a própria vida possa tornar-se dom.

A contemplação e a caridade nunca deveriam ser separadas. A oração verdadeira educa o olhar para reconhecer o irmão; e o serviço cristão, quando nasce de uma vida enraizada em Deus, torna-se mais do que simples assistência. Torna-se expressão da caridade de Cristo.

5. O Ano Jubilar que estamos a viver só cumprirá verdadeiramente a sua finalidade se nos conduzir a uma renovação interior. As celebrações, as peregrinações e as diversas iniciativas encontram o seu sentido mais profundo quando nos aproximam do Senhor, nos reconciliam com os irmãos e nos tornam mais disponíveis para viver o Evangelho.

Também a indulgência plenária concedida neste Jubileu deve ser compreendida neste horizonte. Ela insere-se num caminho de conversão, de reconciliação sacramental, de participação na Eucaristia e de oração. Entre os lugares onde os fiéis podem viver esta graça jubilar encontra-se a Igreja do Mosteiro da Imaculada Conceição, em Campo Maior, terra natal de Santa Beatriz.

A peregrinação da relíquia de Santa Beatriz pelas paróquias, Seminários, Casas de Formação Sacerdotal e Comunidades Religiosas da nossa Arquidiocese nasceu também deste desejo: aproximar a Santa das comunidades e oferecer ocasiões de oração, de encontro e de redescoberta da vocação universal à santidade.

Os santos fazem parte da vida da Igreja. A sua memória não nos prende ao passado; ajuda-nos a viver o presente com maior fidelidade. Através deles, o Senhor mostra-nos que o Evangelho pode ser vivido em tempos, circunstâncias e vocações muito diferentes.

É particularmente significativo que este cinquentenário da canonização coincida com o início do novo Ano Pastoral da Arquidiocese, vivido sob o lema «Comunidade Cristã: Fidelidade e Renovação».

Santa Beatriz ajuda-nos a compreender bem estas duas palavras. A novidade que introduziu na Igreja não nasceu de uma vontade de romper com aquilo que recebera. Nasceu de uma longa fidelidade a Deus. Foi porque soube esperar, discernir e permanecer que, no momento certo, pôde responder àquilo que o Senhor lhe confiava.

Também as nossas comunidades precisam desta sabedoria. A verdadeira renovação não consiste simplesmente em multiplicar atividades ou alterar estruturas. Começa quando voltamos a colocar Cristo no centro, quando recuperamos o gosto pela oração, quando celebramos a Eucaristia com verdade, quando crescemos na comunhão e quando nos tornamos mais próximos daqueles que Deus coloca no nosso caminho.

A fidelidade cristã também não pode confundir-se com imobilismo. Ser fiel é permanecer no Senhor e permitir que Ele continue a purificar, a corrigir e a renovar a nossa vida.

Gostaria ainda de deixar uma palavra aos jovens da nossa Arquidiocese. Vale a pena conhecer Santa Beatriz não apenas como uma figura histórica, mas como uma jovem que teve de discernir o que fazer da própria vida. O seu caminho não estava traçado de antemão. Teve de escolher, de renunciar, de esperar e de confiar.

Também hoje permanece válida a pergunta que acompanha todo o verdadeiro discernimento cristão: *Senhor, que queres de mim?*

Não tenhais medo de a fazer. Uma vida entregue a Deus não se torna mais pobre. A vida de Santa Beatriz mostra-nos precisamente como uma existência aparentemente escondida pode alcançar uma fecundidade muito para além daquilo que uma pessoa alguma vez poderia imaginar.

6. Neste cinquentenário da canonização e no centenário da beatificação, agradeço a Deus por tudo quanto Santa Beatriz continua a significar para a Igreja e para esta nossa Arquidiocese. Recordo com particular gratidão o povo de Campo Maior, que guarda a sua memória com profunda devoção; as Monjas Concepcionistas, que conservam vivo o coração contemplativo do seu carisma; as Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, que exprimem essa mesma inspiração na proximidade aos mais frágeis; e todas as comunidades que têm participado nas celebrações deste Ano Jubilar.

Desejo que este tempo de graça deixe frutos duradouros na vida da nossa Igreja: uma oração mais profunda, uma participação mais consciente na Eucaristia e na Reconciliação, um amor mais filial à Virgem Imaculada, maior atenção aos pobres e uma disponibilidade renovada para escutar o chamamento de Deus. Desejo igualmente que este Jubileu favoreça o nascimento de novas vocações à vida consagrada e contemplativa e ajude as nossas comunidades a viver com verdade a fidelidade e a renovação a que somos chamados.

Há cinquenta anos, São Paulo VI apresentava Santa Beatriz da Silva à Igreja universal. Hoje, nesta Igreja de Évora, damos graças pela sua vida e confiamos de novo à sua intercessão o caminho que temos pela frente.

Confiemos à intercessão de Santa Beatriz da Silva este caminho jubilar, a vida das nossas comunidades e a Evangelização da nossa Arquidiocese. Que a sua intercessão alcance para sacerdotes e diáconos, seminaristas, consagrados e consagradas, famílias e jovens a graça de procurar e cumprir fielmente a vontade de Deus. Que Maria Imaculada, a quem Santa Beatriz entregou inteiramente a sua vida, guarde esta nossa Igreja e nos conduza sempre a Jesus Cristo.

Évora e Casa Arquiepiscopal, 2 de outubro de 2026

+ **Francisco José Senra Coelho**

Arcebispo de Évora